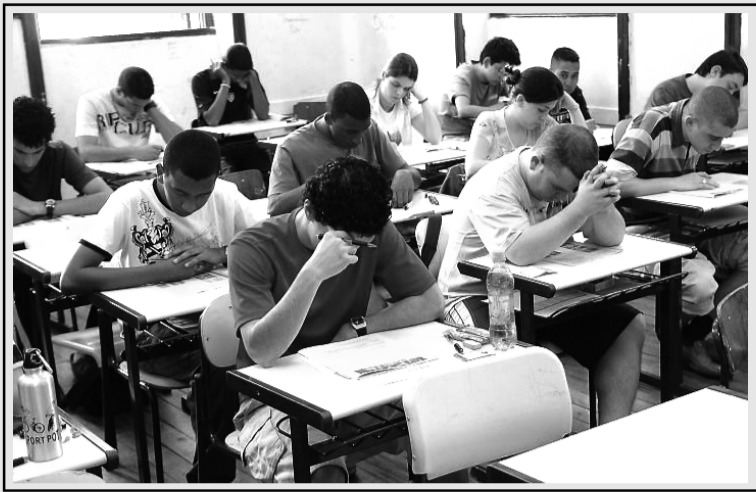


Notícias de Educação & Cultura



Políticas públicas visam modificar o ensino médio.

O Brasil tem conseguido superar as metas propostas para o índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb) em todas as etapas de ensino. Uma delas, porém, segundo o Ministério da Educação, merece atenção redobrada: o ensino médio. O Ministério tem executado diversas ações para recuperar a qualidade da formação dos jovens e tornar a escola mais atrativa.

“O aumento do Ideb no ensino médio será maior quando as crianças que hoje cursam o ensino fundamental chegarem lá, com uma formação mais sólida. Mas não devemos somente esperar; há políticas públicas que precisam impactar a geração atual”, afirma a secretária de educação básica do MEC, Maria do Pilar.

Uma das políticas se refere ao programa Ensino Médio Inovador, que tem o objetivo de incentivar as redes estaduais de ensino a diversificar os currículos escolares. O programa – que integra educação escolar e formação cidadã – começou este ano em 357 escolas públicas, nos 17 estados que aderiram.

O currículo proposto pelo Ensino Médio Inovador tem quatro eixos: **trabalho, ciência, tecnologia e cultura**. Além disso, a carga horária deverá ser ampliada das atuais 2.400 horas nos três anos do ensino médio para, no mínimo, 3 mil horas, com aumento gradual de 200 horas por ano.

Inovações – Outra inovação é oferecer aos estudantes a possibilidade de escolha de 20% da carga horária dentro das atividades da escola. Associar teoria e prática em laboratórios e oficinas em todos os campos do saber também faz parte, bem como valorizar a leitura e garantir formação cultural aos alunos.

Há, também, o programa Brasil Profissionalizado, que visa fortalecer as redes estaduais de educação profissional e tecnológica. A verba é investida de acordo com a demanda; os estados traçam metas e definem as principais necessidades, entre aquisição de material didático, construção, ampliação e reforma de escolas e capacitação de professores.

Ensino técnico – O programa Escola Técnica Aberta do Brasil (e-TEC Brasil), de educação a distância, foi criado para expandir e democratizar a oferta de cursos técnicos de nível médio, especialmente na periferia das áreas metropolitanas. Os cursos são gratuitos e contam com tutoria presencial e a distância. O MEC financia o material didático impresso e virtual, além de garantir o pagamento de bolsas aos tutores. Hoje, 36 instituições, entre universidades estaduais e federais e institutos federais, oferecem 48 cursos, para 22.322 alunos, em um total de 194 polos de apoio presencial.

A expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica também é marcante. Já funcionam 115 novas escolas em todo o país e, até o final do ano, outras 99 serão inauguradas. Assim, o país passará de 140 unidades criadas entre 1909 e 2002 para 354 até o fim do ano.

Quase todos os antigos centros federais de educação tecnológica (Cefets) e escolas agrotécnicas tornaram-se institutos federais de educação, ciência e tecnologia, com projeto político-pedagógico inovador. Com a mudança, houve uma repactuação das escolas federais de educação profissional com a educação básica, tanto no que diz respeito à oferta qualificada de ensino médio, quanto à formação de professores para essa etapa de ensino. Os institutos têm de reservar 20% das vagas a cursos de licenciatura em matemática, física, química e biologia, para ajudar a suprir a demanda por professores dessas disciplinas.

Identidade e identificação

As seleções de Argentina e Brasil têm, nos últimos vinte ou trinta anos, negligenciado sua identidade fundante e abraçado-se a uma falsa identificação com a forma de jogar européia.



Ricardo Lengruber

A Copa do Mundo de 2010 revelou uma situação curiosa e que nos ajuda a refletir sobre *identidades e identificações*.

Entendo por identidade aquele conjunto de características que nos fazem sermos quem somos. Por identificação, aquilo que, presente nos outros, gostaríamos que fosse nosso e, consciente ou inconscientemente, tomamos como nosso mesmo.

Embora lamentável, fato é que há um ladona alma latino-americana que se identifica com o modo de ser europeu. Mais do que isso: há uma recorrente referência à cultura européia como a matriz do que é bom, belo e desejável. Parece que a colonização ibérica na América Latina nos logrou uma forte tendência de queremos ser como nossos soberanos. Aliás, essa é uma poderosa arma ideológica dos dominadores: incutir nos dominados a idéia de que o seu modo de ser é o que deve ser almejado. É, também, por parte de quem é oprimido, uma forma desesperada de resistir: uma expectativa pelo dia em que se conseguirá alcançar um ideal distante.

O problema é que com isso as raízes de uma nação vão perdendo o viço. Os fundamentos étnicos, sociais, culturais, religiosos, folclóricos, etc vão cedendo espaço para a cultura importada e, dita, superior.

Embora o futebol não seja a coisa mais séria do mundo e, de longe, algo a partir do qual se possa fazer uma análise séria da realidade, valem umas breves considerações.

Brasil e Argentina apresentam em campo uma rivalidade, a meu ver, artificial. Há uma excessiva propaganda em torno do “clássico” sul-americano. Uma disputa que envolve os mais acalorados discursos e, inclusive, ofensas.

Curioso é que essa mesma rivalidade não se testemunha entre Brasil e Portugal, por exemplo, ou, ainda, Argentina e Inglaterra. O que

seria de se esperar, por razões de origem histórica, não se viu com a mesma intensidade que a aparente criação propagandística.

Mas o mais estranho é que a identidade do futebol sul-americano, firmada na ginga, no drible e na beleza, cedeu lugar ao pragmatismo defensivo do futebol europeu. As seleções de Argentina e Brasil têm, nos últimos vinte ou trinta anos, negligenciado sua identidade fundante e abraçado-se a uma falsa identificação com a forma de jogar européia.

Do ponto de vista da competição, o resultado ficou claro. Alemanha, Holanda e Espanha jogam futebol europeu bem melhor que Brasil, Argentina e Uruguai. Apesar de nossos principais jogadores serem forjados nos campos europeus, nunca seremos melhores naquilo que eles sempre souberam fazer bem.

A Espanha venceu, além de seus próprios méritos (e, quem sabe, alguma necessidade política, estranha ao campeonato em si), porque jogou o que melhor de si tinha para apresentar. Nós perdemos, além do nosso próprio demérito, por conta de queremos fazer bem o que não nos pertence.

Do ponto de vista da realidade, talvez valha a lição do campo para a vida: em campo em que o que (teoricamente) vale é o talento, o melhor é fazer o que se sabe. Em outras palavras, não dá para ser vencedor abrindo mão da identidade em prol da identificação.

Talvez seja o tempo de Brasil e Argentina reconhecerem sua irmandade latina e se darem as mãos para aprofundarem sua identidade e conseguirem, conjuntamente, abandonarem sua falsa identificação européia.

O que nos faz vencer é o que somos, não o que os outros querem que sejamos ou que pensamos que somos.

O autor é professor de História, Filosofia e Teologia. Doutor pela PUC do Rio de Janeiro - ricardo@lengruber.com
www.lengruber.blogspot.com.br

PERSIANAS
&

VENEZIANAS
Luiz Antônio

(22) 9905-7089

(22) 2526-4218

Consertos - Reformas - Limpezas
Cortes - Adaptação - Instalação
Bandor em Madeira - Pequenos Reparos
em Marcenaria - Troca Cabo de Aço de
janelas com Guilhotina



Maria Clara Rebel
Mestra - Psicologia Social
Psicoterapia Junguiana
Preço Acessíveis

CRP 05-29692

Cel: 9951-9488

21-9844-7997

clararebel@yahoo.com.br